



Não é nenhum papagaio!

Uma noite, antes de ir para a cama, o pai de Luísa lamentou-se:

- Somos felizes, não nos falta nada, mas não percebo por que é que tenho sempre a impressão de que nos falta qualquer coisa.

A mãe pensou durante uns momentos e disse:

- É verdade! Eu tenho a mesma impressão. Acho que o que nos falta é um animal de estimação.

- Ah! Sim, eu... nós - balbuciou Luísa, que também gostaria de dar a sua opinião.

Sem lhe prestar atenção, o pai continuou:

- Tens razão! Para nos sentirmos mesmo bem em nossa casa, precisamos de um animal doméstico. Gostava de ter um cão. Pode levar-se para todo o lado e é um animal fácil de ensinar, que obedece ao menor piscar de olhos. Aliás, todos os meus colegas têm um!

- Ah, não! - replicou a mulher. - Um cão cheira mal e até pode morder. Eu preferia um gato. É um animal mais independente, mais limpo. E é tão agradável ouvi-lo ronronar!

- Talvez, mas não se pode passeá-lo de trela e um gato só faz o que quer! Um gato, nem pensar! - responde o marido.

- E eu... -torna Luísa, mas não continua porque ninguém a escuta.

No dia seguinte, como ainda não tinham conseguido chegar a um acordo, os pais de Luísa resolveram ir aconselhar-se junto de um especialista, um comerciante de animais. Passaram em revista todos os animais de companhia que estavam na loja, sem conseguir tomar uma decisão.

Já saturado de os ouvir, o dono da loja sugeriu-lhes um papagaio.

- Uma ave que fala até é original! O papagaio é um animal muito inteligente: pode aprender frases inteiras e repeti-las sem o menor erro! Pode assustar os ladrões e guardar

a casa. Além disso, as maravilhosas cores da sua plumagem farão um lindo efeito na vossa sala. - E gabava as qualidades do papagaio com tal orgulho que era como se falasse de um filho.

Os seus argumentos foram tão convincentes que os pais da Luísa compraram a ave. Aconselhados ainda pelo dono da loja, levaram também o livro *Como ensinar o seu papagaio a falar*.

Ao voltar da escola, Luísa ficou deslumbrada ao ver o papagaio em casa, pois há muito que tinha esse desejo escondido, mas nunca o revelara.

Puxou o sofá para diante da gaiola e sentou-se a contemplar o lindo pássaro durante muito tempo. Tanto, que até se esqueceu de ver o seu programa de televisão preferido. Ele também a observava pelo cantinho do olho, enquanto saltava de um baloiço para o outro com um ar muito atarefado.

Naquela tarde, Luísa tinha sido convidada para ir brincar em casa de uma amiga. O pai também saiu para dar uma volta de bicicleta com os amigos, e por isso a mãe começou imediatamente a educação do papagaio, e decidiu dar-lhe a primeira lição. Abriu o manual e leu com muita atenção a primeira frase:

- Bom dia! Eu sou um belo papagaio. Estou bem, obrigado! E você, como está?

O papagaio limitou-se a olhá-la calmamente.

Durante uma hora, a mãe, incansável, repetiu:

- Estou bem, obrigado, obrigado. E você... e você...

Quando, já rouca, parou para descansar, constatou, estupefacta, que o papagaio dormia profundamente.

Desiludida e cansada, passou o resto da tarde a ver televisão.

Durante esse tempo, o pai gabava as qualidades do seu papagaio aos amigos, que o escutavam com, é preciso que se diga, uma pontinha de inveja. Nem todas as pessoas têm a sorte de possuir um animal de companhia tão original.

Quando regressou, a mulher contou-lhe a sua decepção.

- Este papagaio não serve para nada. Recusa-se a falar e adormeceu logo às primeiras palavras da lição.

- É porque não soubeste ensiná-lo. Tu às vezes és muito desajeitada - disse ele encolhendo os ombros. - Amanhã de manhã sou eu que vou tratar dele!

O dia seguinte era um sábado, e mal acabou de tomar o pequeno-almoço, o pai sentou-se diante da gaiola. Olhou para o papagaio com um ar muito severo e disse-lhe em tom autoritário:

- Meu caro papagaio, tens de aprender a falar! Por isso vais escutar o que te digo, vais mostrar-te obediente e repetir comigo: *Eu sou um papagaio feliz!*

E articulou muito claramente:

- EU... SOU... UM... PAPAGAIO... FELIZ.

O pássaro olhou para Luísa enroscada no sofá, e bateu levemente as asas. Depois, sacudiu a cabeça e fechou os olhos.

- Eu bem te disse! - exclamou a mulher com um ar triunfante.

O pai decidiu continuar a lição no escritório, num frente a frente com o papagaio.

Ouviram-no repetir incessantemente durante toda a manhã:

- EU... SOU... UM... PAPAGAIO... FELIZ.

- EU... SOU... UM... PAPAGAIO... FELIZ.

- EU... SOU... UM... PAPAGAIO... FELIZ.

- Ei, não adormeças! Vá, repete, ou ainda te torço o pescoço! - gritava por vezes, irritado.

Ao longo da manhã, a sua voz foi ficando cada vez mais fraca e as frases que o papagaio devia dizer iam ficando cada vez mais curtas.

- Diz: *Quim, Quim, Quim... obrigado... sim... muito bem... obrigado...*

Ainda tentou alguns:

- P-a, pa, p-a, pa.

Depois, fez-se silêncio absoluto.

Ao almoço, o pai de Luísa tinha um ar tão esgotado que parecia ter passado a manhã a carregar pedregulhos. Disse com amargura:

- Se me tivessem dado ouvidos, tínhamos comprado um cão. Agora, os meus amigos vão fazer troça de mim. Até me dói a garganta. O palerma do papagaio quase me deixou mudo.

- Mas ele não é um papagaio! - disse Luísa muito baixinho.

Mas os pais estavam demasiado ocupados a discutir sobre cães, gatos e papagaios, para lhe prestarem atenção.

Decidiram então levar o papagaio ao dono da loja.

Desta vez, Luísa foi autorizada a acompanhá-los. Sentada no banco de trás, com a gaiola nos joelhos, olhava tristemente para a ave, repetindo:

- Mas eu bem lhes digo que tu não és um papagaio!

Sem tentarem perceber o que ela queria dizer, os pais mandaram-na calar:

- Luísa, já chega! Nós também estamos muito desiludidos, por isso não digas mais nada! Já temos aborrecimentos que cheguem.

O pai de Luísa dirigiu-se ao dono da loja:

- O senhor garantiu-me que este papagaio é inteligente, que é capaz de dizer frases inteiras, quando afinal é incapaz de repetir p-a, pa!

- É mais mudo do que um peixe e mais estúpido do que uma galinha. A única coisa que sabe fazer é dormir. Não se lhe consegue ensinar nada - acrescenta a mulher.

- Se calhar, é tolo ou demasiado novo, muito simplesmente. Em todo o caso nós preferíamos...

- Novo? Tem setenta e cinco anos! - replicou o vendedor, sem dar tempo ao pai de explicar que queria trocar o papagaio por um cão baixote ou, por que não, um gato siamês. Os pais de Luísa olharam um para o outro, surpreendidos.

- O quê? Setenta e cinco anos? Então, talvez seja demasiado velho.

- De modo algum - exclamou o comerciante, já de rosto crispado. - Fiquem a saber que é a idade ideal para o ensinar a falar- acrescentou com desdém.

O pai sentiu-se um pouco mais descansado com a ideia de ter comprado um papagaio de boa qualidade. Mas a mulher insistiu:

- Seja como for, o seu papagaio não fala!

- Mas não é um papagaio! - tentou novamente Luísa, muito a medo.

Ocupados a discutir, ninguém lhe deu ouvidos.

- Um bocadinho de paciência! Nós também não aprendemos tudo num dia - concluiu o comerciante.

- Bem - suspirou a mãe resignada - vamos ter de aceitar esta contrariedade com paciência. Vendo bem, um papagaio não é um animal assim tão vulgar!

O marido era exactamente da mesma opinião. Chegados a casa, Luísa insistiu:

- Por que é que não me ouvem quando eu digo que não é um papagaio?

- Claro que é um papagaio - respondeu-lhe a mãe já irritada. - Só é preciso ter um pouco de paciência.

Teimosa, Luísa repetiu.

- Mas não é um papagaio!

- Então o que é, sua sabichona? - gritou o pai, já fora de si. - É um pinguim?

- Não, simplesmente não é um *papagaio*; é uma *mamagaia*! - conseguiu dizer Luísa, finalmente.

- Exacto! - respondeu a ave energeticamente.

- Ele fala! O nosso papagaio fala! - gritou o pai.

- Não é um papagaio - corrigiu rapidamente a mãe, pois tinha visto que a ave, ofendida, se preparava para voltar a fechar os olhos.

- Bom, que seja então uma mamagaia - disse o pai, feliz da vida por não contrariar ninguém. Depois dirigiu-se à ave.

- Repete: *Chamo-me Quim*.

- Mas vocês acham que eu sou uma máquina ou algum atendedor de chamadas? - perguntou a *mamagaia* muito irritada. Detesto repetir duas vezes a mesma coisa; e não posso chamar-me Quim!

- As *mamagaias* nunca repetem o que lhes mandam dizer - explicou Luísa.

- Exacto - disse a *mamagaia*. - E se agora me dessem uns amendoins?

A *mamagaia* mostrou-se então muito sociável e conversadora. À noite contou todas as aventuras que tinha vivido nos seus setenta e cinco anos de existência. Tinha viajado muito pelo mundo fora, falava fluentemente treze línguas e dizia que compreendia outras vinte. O pai e a mãe nem acreditavam no que ouviam.

Mas as surpresas ainda não tinham acabado. Quando chegou a hora de ir dormir, a *mamagaia* assobiou o "*Eine kleine Nachtmusik*" de Mozart. Luísa teve autorização para ouvir tudo até ao fim, e de levar para o quarto - só por uma noite - a gaiola da "sua" *mamagaia*.

Já tarde, uma enorme barulheira acordou os pais de Luísa. Era como se uma orquestra de flautas, címbalos e tambores tivesse entrado em palco.

- Outra vez os vizinhos do quarto andar, até aposto! - rabujou o pai.

- Não. Acho que isto vem do quarto da Luísa. - corrigiu a mulher.

Mal entreabriram a porta do corredor, o barulho parou completamente. Intrigados, deram uma olhadela à Luísa e à *mamagaia*. Ambas dormiam serenamente. Dir-se-ia que a lua, que iluminava o quarto com um suave luar, sorria com malícia.

Os pais abandonaram o quarto em bicos de pés, sem ouvirem, e ainda bem, os risinhos que Luísa e a *mamagaia* tentavam abafar com dificuldade.

Rafik Schami

C'est même pas un perroquet!

Paris, Actes Sud, 1996